

ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DOS ALUNOS DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO E EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA

Dansa C.V.A.

Faculdade de Educação UnB; Freitas H. C. A. – Faculdade de Educação UnB;

Gregolin, A. C.

Grupo de Trabalho de Apoio à Reforma Agrária – GTRA/UnB;

Molina C. M.

Grupo de Trabalho de Apoio à Reforma Agrária – UnB/UnB.

Abstract

This paper analyses the pathway of some students of Extension-Specialization course of Field Education and Sustainable Development in Agrarian Reform rural settlements. The students were young settlers and agrarian technicians who works in rural settlements. This technicians works for LUMIAR projetct which demands the course. These process were a partnership among UnB, Embrapa Cerrados, INCRA and IICA financed by PRONERA. The course was developed in 480 hours during two years and the main objective was formed local development agents. The curriculum was multidisciplinary and stimulated the reflection of sustainable development in their multiple dimensions: historical, political, agronomical, economical and ecological. Another objective was developed monographies analysing the situatuion of the settlements which the students live to developed proposals of actions to improve their life quality and stimulated sustainable development. The analises demonstrate that during the process students improved their habilities to propose, mobilize and participate in the gestion process in the settlements and the majority of them continue to work to viabilize their proposal even after the end of the course.

Este trabalho apresenta uma análise da trajetória de alguns alunos do Curso de Especialização e Extensão em Educação do Campo e Desenvolvimento Sustentável dos Assentamentos de Reforma Agrária – EDUCAMP, para a construção de ações locais de fortalecimento do desenvolvimento sustentável nos assentamentos de Reforma Agrária.

Histórico do curso e sua trajetória

O EDUCAMP nasceu da constatação dos técnicos do Projeto de Assistência Técnica para os Assentamentos de Reforma Agrária - LUMIAR do Distrito Federal e Entorno, sobre a necessidade de mudança na forma de atuarem como técnicos, passando a ser educadores do campo. A ausência desta habilidade foi apontada como um dos principais entraves, para que estes pudessem desencadear processos de fortalecimento e organização dos atores locais, condição indispensável para a garantia de projetos sustentáveis para os assentamentos.

Partindo do pressuposto de que a educação acontece na interação entre sujeitos, a Coordenação do Curso entendeu que as vagas do mesmo deveriam ser divididas entre técnicos e jovens assentados. Assim, das 60 vagas, 30 foram destinadas para técnicos e 30 para assentados e o Curso desenvolveu-se simultaneamente nos níveis de especialização e extensão. Também ampliou-se a participação dos técnicos incluindo os da Superintendência Regional 28 do INCRA/DFE, responsáveis pelo acompanhamento da implantação dos assentamentos de Reforma Agrária da região.

Com o EDUCAMP pretendeu-se construir um trabalho pedagógico articulado, integrando o planejamento das questões da educação do campo com as questões de organização da produção e social dos assentamentos; e a capacitação dos jovens assentados e dos técnicos do INCRA e do LUMIAR, dos mesmos assentamentos.

Trabalhando a partir da metodologia da Formação em Processo¹, a proposta do Curso foi de que os alunos atuassem como multiplicadores junto às suas comunidades, promovendo como educadores-mobilizadores o desenvolvimento local. Durante os dois anos do Curso, cada aluno teve como atividade relacionada ao tempo-comunidade, a socialização dos conhecimentos adquiridos com jovens do seu assentamento, trabalhando temas selecionados pela comunidade, de relevância para o assentamento, através de oficinas.

¹ os participantes do Curso já estavam trabalhando com os assentados durante a formação e capacitação.

Ao final do Curso, a maior parte dos alunos desenvolveu uma monografia, obrigatória para a obtenção do grau de especialista e opcional para o grau de extensão. O objetivo das monografias foi a realização de uma pesquisa sobre alguns dos mais graves problemas enfrentados nos assentamentos, identificando algumas de suas causas, e construindo propostas de alternativas sustentáveis para sua solução.

O Curso se desenvolveu em módulos que visaram trabalhar de forma integrada conteúdos de diversas disciplinas. Os temas abordados foram, produção e comercialização, manejo e conservação do Cerrado, fundamentos de ciências humanas e organização social com ênfase em autores como Edgard Morin, Leonardo Boff, Paulo Freire, Fritjof Capra e outros e também temas integradores como metodologia de pesquisa com ênfase na pesquisa-ação de René Barbier, introdução à informática e planejamento educacional. Houve um planejamento integrado dos módulos e das atividades de forma a levar o aluno a estabelecer relações com a sua realidade e refletir sobre como usar as temáticas nas oficinas. Os alunos trabalharam textos acadêmicos, fizeram dinâmicas, seminários e ensaios para a construção do projeto de monografia. Cada aluno teve um orientador e também foi orientado pela professora de metodologia científica. Além disso, os alunos tiveram aulas de português e participaram de diversas atividades culturais como exposições, palestras e seminários. No tempo-comunidade, os alunos desenvolveram tarefas específicas ou comuns a algumas disciplinas, com a finalidade de conhecer melhor o assentamento ou fazer leituras importantes para o desenvolvimento de seus projetos de pesquisa.

Dados de evasão do Curso

O Curso teve a participação efetiva de 57 alunos, sendo 24 técnicos e 33 assentados. 12 alunos (22%) evadiram nas primeiras etapas do curso, sendo 3 técnicos e 9 assentados. Durante a 5ª etapa do curso, o Projeto LUMIAR foi extinto. Dos 11 técnicos ligados a ele, que não tinham outro vínculo empregatício, 9 evadiram do Curso. A partir deste ponto não houve mais evasão de técnicos. Quanto aos assentados houve ainda, após a 6ª etapa, uma evasão de 8 alunos.

Ao final, completaram o Curso 28 alunos, sendo que 24 desenvolveram monografia e quatro concluíram a extensão sem monografia. Os temas desenvolvidos como monografia foram: Educação Ambiental e Sustentabilidade (agricultura orgânica, utilização de frutos do Cerrado, recuperação de áreas degradadas, ecoturismo, sistemas agroflorestais, preservação de recursos naturais, solos), organização social (associativismo, cooperativismo, questões de gênero), extensão rural, mecanismos de produção e comercialização, educação do campo, viabilidade sócio-econômica da Reforma Agrária e análise das

metodologias dos Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Assentamentos. Destas, 13 estão tendo continuidade direta nos assentamentos.

Dos alunos do curso, selecionamos quatro trajetórias, que consideramos significativas para ilustrar o processo de interferência deste na transformação de conceitos, valores e posturas dos alunos com relação a visão de desenvolvimento sustentável dos assentamentos. Estas trajetórias foram selecionadas por expressarem mais claramente a mudança. Também traremos alguns fragmentos de outras trajetórias igualmente significativas. Os nomes das pessoas e dos assentamentos analisados neste trabalho são fictícios.

Analisaremos a trajetória de três assentados que chamaremos de Maria, José e Catarina e um técnico que chamaremos Paulo.

A aluna Maria no início do curso tinha 17 anos e estava concluindo o ensino médio. Residia no assentamento Feliz e foi indicada para o curso pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais da região. Na carta de exposição dos motivos que a levaram a querer participar do curso, apresenta as seguintes razões: *“Fui motivada pela vontade de aprender, cada vez mais, com todos os assentados e também transmitir a eles os conhecimentos adquiridos através desse curso, ou seja, uma troca simultânea de experiências”*. Diz ainda nesta mesma carta: *“admiro muito este profissional que tem o dom de ensinar, o professor”*. No primeiro exercício do curso, no qual tratamos da árvore genealógica e trajetória de migração dos alunos, Maria trouxe os seguintes dados: durante a infância viveu no campo e sua ocupação era estudar. Na adolescência mudou-se para a região urbana para continuar os estudos e, ainda na adolescência, retornou ao campo, onde continuou a estudar. Sua trajetória acompanha a da família. O pai era vaqueiro na Fazenda Feliz que, posteriormente, se tornou um assentamento, onde ele e a família foram assentados.

A análise dos trabalhos desenvolvidos ao longo do Curso mostra que a aluna cumpriu suas tarefas, realizou as oficinas em seu assentamento, além de projetar e concluir a monografia. O acompanhamento das tarefas mostra um envolvimento que vai além do simples cumprimento das atividades. Pode-se observar este fato na fala de Maria em resposta a um questionário de auto-avaliação realizado na 5ª etapa do curso: *“Em relação aos conteúdos teóricos oferecidos, como você avaliaria o seu empenho em internalizá-los?” “Eu gosto muito de ler e tenho tempo, na sua maioria eu lia as apostilas, fiz uma ou outra anotação, pesquisei palavras e termos não conhecidos por mim, dividi com os assentados o texto do Censo Agropecuário 1996, foi um texto que me impressionou muito e causou, também, revolta aos oficineiros.”*

Com relação às oficinas, a aluna, que era também monitora do Programa Nacional de Educação na

Reforma Agrária - PRONERA, transformou seus alfabetizandos em oficinairos, inclui, também, o presidente da Associação, promovendo com eles a discussão e a socialização das questões e informações trazidas pelo curso. A aluna trabalhou com os oficinairos os objetivos e compromissos do EDUCAMP, os dados sobre os problemas do assentamento e estratégias de mobilização do assentamento, no caso a organização de uma festa para arrecadar fundos, via associação, para construção de banheiros na escola do assentamento. Interessante é verificar através do relato da aluna como autoridades e vizinhos foram envolvidos na atividade. *“Convidamos as autoridades do Município, como Prefeito, Vereadores, policiais e fazendeiros. Fizemos uma peça teatral mostrando para essas pessoas, nossos vizinhos e amigos, nossa verdadeira história, nossa luta e o que passamos para chegar até aqui e deixando claro a todos que, apesar de assentados, somos também cidadãos, agora e mesmo antes do assentamento”*.

A aluna também aponta algumas dificuldades na construção das oficinas como horário para os encontros, distância do local de encontros, que ela mesma resolve transferindo para a noite e para a escola as oficinas, demonstrando sua autonomia em resolver problemas.

Outro dado importante, que mostra o crescimento da aluna ao longo do curso, é sua resposta, quando questionada sobre as mudanças na sua relação com o conjunto das pessoas de seu assentamento, a partir de sua participação no curso. Ela responde: *“As pessoas hoje me vêem como uma pessoa capaz, responsável e digna de confiança, não só dentro da minha casa como na comunidade, devido a minha participação nas reuniões, dando sugestões, opiniões para o funcionamento do assentamento e também as responsabilidades que cabem a mim, eu dou conta do recado”*. Quanto à construção da monografia, Maria optou por analisar a situação da educação no campo a partir da sua trajetória e da escola onde cursou o ensino fundamental e que hoje atende 49 crianças do assentamento Feliz. No início da monografia, Maria levanta algumas questões importantes como: *“Escolhi este tema, após conviver anos com essa realidade, pois tanto na “escolinha rural” onde estudei o ensino fundamental (1ª a 4ª série) como na escola do assentamento Feliz, presenciei e continuo vendo acontecer, crianças que nasceram na roça e, se muito, foram na cidadezinha mais próxima, estudando com livros que contêm em suas páginas: edifícios, aviões e muitas outras coisas que não fazem parte do seu cotidiano...não estou com isso querendo dizer que essas pessoas têm que perder a noção do mundo ao seu redor, pelo contrário, o conhecimento de sua realidade tem que estar contextualizado com o que está acontecendo no mundo”*. Em outro ponto do trabalho, a aluna complementa: *“gostaria de ressaltar que neste tempo em que passei dentro das escolas, poucas vezes ouvi em sala de aula palavras como: campo, rural,*

agricultura familiar, camponês ou qualquer um dos muitos vocábulos do mundo rural. Ninguém sequer comentou a necessidade de se conviver com o campo, compreendê-lo, aprender a viver lá, a entender a nossa realidade e superar as dificuldades, alcançando assim melhores resultados no que formos fazer, da importância de se preservar nossos valores, nossa cultura, os nossos ditados populares”. E ainda diz “...e foi com a ajuda das professoras e alunos (do EDUCAMP) em momento de reflexão que comecei a pensar nessa questão; como pode uma pessoa passar onze anos na escola sem quase ouvir falar naquilo que deveria ser seu objeto de estudo: o campo, o mundo rural.” Ressalta ainda a dificuldade de acesso à escola no campo: “a vida na roça não é muito fácil, mas não se pode desistir. Muitos pais preferem que seus filhos trabalhem e não estudem, já muitos incentivam os filhos a irem para a escola, porém o acesso à mesma é difícil, ou longe de casa ou na cidade e com isso o estudo, muitas vezes, é deixado de lado”.

A aluna, após a análise, tenta contextualizar esta experiência no processo mais geral da educação do campo no país, levantando a hipótese de que o modelo urbano de educação, mesmo que “adaptado” como preconiza a lei, não responde às necessidades do campo, deixando de construir com o aluno os elementos básicos para que ele possa optar entre a vida no campo ou na cidade. “... este ensino ofertado a essas pessoas, tem que propiciar a elas o direito de escolha, se quiserem permanecer no campo exercendo uma série de atividades que atualmente este mesmo oferece, ou optar em ir para a cidade, e lá ter condições de competir seja no mercado de trabalho ou por outras oportunidades de estudos (graduação, pós-graduação, doutorado...)”. Faz ainda a relação entre educação com trabalho e com cidadania.

Após a análise feita por Maria e descrita acima, como forma de intervenção, ela trabalhou com as professoras da escola na construção de uma proposta de educação que atacasse os problemas constatados: “*Conversando com alguns professores, discutimos a idéia de se implementar nessa escola uma proposta de Educação Básica do Campo, que eu sugeri como proposta de intervenção e de mudança na realidade, procurando voltá-la ao máximo para a realidade da comunidade, dos alunos e dos professores*”. O trabalho na escola tem tido continuidade mesmo após o curso e a aluna continua fazendo parte dele. Esta mesma aluna também se engajou nos trabalhos do GTRA e tem acompanhado como monitora as atividades desenvolvidas nos assentamentos Pequi e Baru, também resultantes de monografias de alunos do EDUCAMP.

O segundo aluno escolhido foi José, do assentamento Jatobá. Em virtude da perda de algum material não temos a carta de exposição de motivos do aluno, portanto sua trajetória começa a partir do trabalho desenvolvido com a árvore genealógica e trajetória de migração. Este aluno sempre viveu no município de

Buritis. Tem uma infância rural junto com os pais e na adolescência vai para a cidade viver com o avô e estudar. Faz alguns serviços rurais e urbanos . É neto e filho de lavradores originários do interior de MG. Hoje está assentado em Buritis, MG. Mora com os pais no assentamento e cursa o ensino médio. O aluno realizou todas as tarefas, mas teve algumas dificuldades na implementação das oficinas com relação aos horários e também sentiu-se isolado em função de não haver técnicos nem outros alunos dos assentamento no curso . Diz ele *“no meu assentamento há apenas eu participando do curso, não há participação de nenhum outro aluno, nem há técnicos que participam do curso e dão assistência ao assentamento....às vezes se torna difícil de uma só pessoa fazer todos os trabalhos que são exigidos e organizar as oficinas”*.

Além desses problemas, José afirma que há uma tendência dosicineiros em transferir para ele a responsabilidade por toda a condução do trabalho. *“...os oficineiros às vezes, por ser pessoas jovens pensam que tem que ser apenas eu que tenho que dar opiniões e dirigir as reuniões e acho que não tenho habilidade para tocar as oficinas só”*. Em uma das tarefas realizadas no início do curso, o aluno afirma respondendo a questões sobre sua contribuição na construção da história do assentamento e de sua relação com o Cerrado. *“Participo de várias reuniões aqui no “acampamento” pensando em melhorias, o que tenho maior interesse em pesquisar é como funciona diversos projetos como uma cooperativa e vários outros. Mas a maior dificuldade é falta de recursos e de conhecimentos na área” e ainda “mudaria, invés de ser um militante, também desejo atuar em uma área como de técnico ou de qualquer outra profissão nessa área. Assim eu poderia ajudar ainda mais os assentados pois a atuação dos técnicos para nós é muito fraca”*.

Com relação ao Cerrado, ele afirma: *“Minha relação com o Cerrado é fraca, devido às condições e falta de tecnologia suficiente para trabalhar nessa área, mas é meu sonho trabalhar com esse tipo de solo, pois o nosso Cerrado brasileiro é tudo, é a nossa riqueza que ainda possuímos”*. Mais na frente, nas etapas subsequentes, percebe-se mudanças nesse quadro quando ele afirma na auto-avaliação da 5ª etapa: *“olha, as mudanças ainda não foram grandes, mas já melhorou alguma coisa, como antes todos os jovens estavam completamente desligados uns dos outros, apesar do esforço de algumas pessoas para que melhorasse esta situação. Hoje englobei com essas pessoas e estamos conseguindo levantar, aos poucos, o grupo jovem do assentamento e, vejo que, aos poucos, muitos problemas estão sendo resolvidos”*. O aluno foi, no início do Curso, bastante tímido, tendo dificuldade em se expressar. Nesta avaliação diz ele: *“meu relacionamento com os alunos (do EDUCAMP) acho ótimo, apesar de eu ser uma pessoa calada, que nem sempre discuto com os colegas. Esse é o ponto negativo, mas, mesmo assim, acho ótimo, pois estou aprendendo muito com suas*

idéias diferentes". Já com relação ao assentamento, ele afirma: *"foram várias mudanças, como, por exemplo, antes eu não tinha comunicação com todas as pessoas do assentamento. Hoje vejo que sem a união entre todos é impossível conseguirmos alguma coisa. Hoje converso com todas as pessoas, tento compreender mesmo aquelas idéias que alguns têm fora da realidade e não os desagrado"*.

Com relação ao desenvolvimento sustentável, nesta mesma avaliação diz o aluno: *"desenvolvimento sustentável é ser trabalhado temas que venham a envolver todos os assentados e seus interesses, como a estudar como irão fazer para se organizarem de todas as formas na amizade como na área de produção. Desde o início da produção até o final e como permanecerem sempre organizados em todos os setores e como fazer com que isso aconteça e sempre estarmos discutindo com as pessoas o que fazer, buscar apoios fora, levar em consideração todas as discussões, para daí estarmos tirando as conclusões corretas de como fazer para atacar pra valer este problema."* Inicia o seu projeto de monografia querendo desenvolver um trabalho com cooperativismo. O aluno desenvolve a parte introdutória do trabalho mas não dá continuidade. Na última etapa do Curso, o aluno participou, junto com professores e alunos, do Seminário Internacional de Reforma Agrária, na Universidade Federal de Maringá-PR, no qual ,entre outras atividades, visitou-se assentamentos já consolidados. A partir daí, o aluno descobre que o tema que o está realmente mobilizando é a construção de um viveiro de mudas, cujo projeto já está em andamento no assentamento e que encontra dificuldades devido à pouca participação dos assentados neste processo. O aluno quer saber porque a participação é pouca, se o desmatamento é uma realidade no assentamento.

A transformação de José pode ser percebida nos próprios valores ligados à agricultura. No início do Curso ele afirma: *"quando iniciamos o assentamento era como o início da agricultura dos nossos pais. Não havia sequer nenhum tipo de tecnologia, todo serviço era braçal. Hoje, apesar de não termos uma tecnologia avançada como os grandes proprietários, já trabalhamos com alguns maquinários simples, como máquinas com tração animal, tratores e algumas máquinas não sofisticadas, mas que substituí muito os serviços braçais, usamos, também, em, alguns casos, o veneno. Isso nos mostra que, devagar acompanhamos a evolução."* já na sua monografia o aluno diz: *"...de alguns anos para cá, o homem acabou se distanciando ainda mais da preservação do meio ambiente, quando passou a desenvolver novas tecnologias, que vieram a prejudicar ainda mais a natureza, como o caso dos agrotóxicos como solução para combater pragas na lavoura, produtos bastante perigosos para o próprio homem, como para a natureza, que poderiam ser evitados". "São dois motivos que nos levaram a trabalhar com esses produtos perigosíssimos para o meio ambiente: em primeiro*

lugar, a preocupação das grandes indústrias multinacionais em apenas obter lucros com a venda desses mesmos e não com os danos causados no ecossistema, e em segundo lugar todos esses desmatamentos que o homem vem fazendo fizeram com que a terra ficasse mais sensível ao ataque dessas pragas". Diz ainda em outro momento: "o agricultor terá que parar de pensar nesse tipo de agricultura que só visa o lucro imediato, terá que aprender a recuperar a sua história e pensar em uma agricultura que preserve o meio ambiente, que será indispensável para que se realize uma agricultura com sustentabilidade, onde não só se pensa na roça e o resto acabou; e pensar na sua relação com meio ambiente, porque o que faz uma agricultura é justamente essa relação e estar inserido dentro de um ecossistema".

No seu trabalho, o aluno analisa que o projeto de viveiro implantado no assentamento responde a esta nova demanda da agricultura sustentável que ele vem constatando ser importante. Em seu texto ele aponta: *"O objetivo deste projeto é produzir mudas em um viveiro de várias espécies nativas de madeiras e frutíferas para o reflorestamento de áreas degradadas....sabendo que a legislação ambientalista hoje apoia o reflorestamento e sabendo, nós mesmos, que isso é necessário para que possamos mudar essa triste realidade em que vivemos hoje....além de todas essas colocações o projeto reza de uma horta comunitária orgânica onde podemos produzir grandes variedades de hortaliças saudáveis além de algumas ervas medicinais...enfim é um projeto que reza toda a produção Agroecológica com ênfase no balanço da região do Cerrado. Portanto, esse é um novo ponto de partida que vamos ter que trabalhar daqui pra frente, com a conscientização dos parceiros, para que levem adiante este projeto que no momento não foi abraçado por todos".*

Para descobrir o que é possível fazer para envolver os demais parceiros, ele faz entrevistas com quem participa e com quem não participa do projeto, tentando detectar causas e coletar sugestões. Ele então percebe que do ponto de vista de quem participa do projeto, a não participação é devida a falta da participação dos coordenadores do assentamento ou a falta de uma valorização da questão ambiental. Do ponto de vista dos que não participam constata: *"a partir das entrevistas feitas com as pessoas que não participam do projeto, concluímos que a falta de aceitação do Projeto pela maioria é devido ao projeto não ser uma atividade prioritária na vida delas, pois nas entrevistas todos dizem que é um projeto importantíssimo para o assentamento, mas alegam que não podem contribuir devido a falta de tempo disponível, levando-nos a crer que esta não seria a justificativa, pois todas as pessoas integradas ao projeto, da mesma forma tem seus afazeres, mas dedicam uma parte de seu tempo ao mesmo, pois acreditam que serão beneficiadas".*

A partir daí, José propõe alguns encaminhamentos para envolver a comunidade no projeto do viveiro que são: *“reunir toda a comunidade e discutir a importância do trabalho para o crescimento e desenvolvimento do assentamento, capacitar as famílias do assentamento para que adquiram conhecimentos para trabalhar no viveiro. Trabalhar também com mudas frutíferas comerciais e não só nativas, usar a estrutura de vídeo e TV para trazer exemplos de outros lugares onde projetos semelhantes deram certo, fazer uma festa de inauguração convidando autoridades para reafirmar a importância do projeto”*. Ele termina o trabalho dizendo: *“Com isso acredito que podemos mudar a realidade de hoje, e possamos ter um desenvolvimento sustentável, e possamos, no futuro, servir de exemplo para muitas pessoas que sonham ter um desenvolvimento sustentável, onde iremos estar em harmonia com a natureza”*. José continua atuando em seu assentamento mobilizando as pessoas para participarem do projeto e estará participando do Curso Técnico em Agropecuária e Desenvolvimento Sustentável que dará continuidade ao EDUCAMP.

A terceira trajetória foi de Catarina, uma aluna do assentamento Córrego. Ela viveu a infância na zona rural com seus pais, na adolescência mudou-se para a cidade para continuar os estudos, e depois foi para o assentamento, onde seus pais residem e ela atua como professora da escola de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. Os seus avós e pais sempre trabalharam na agricultura, ela informa: *“meus pais trabalham com agricultura e também tem uma pequena criação de gado onde tira a renda da agricultura e o leite, queijo”*.

A aluna Catarina mostra um interesse pelas tarefas propostas: *“...de alguns textos foi possível fazer algumas fichas de leitura... olhe as anotações mais importante foi trabalhar com os assentados e conhecer melhor cada um deles. É, também, aprender várias coisas com eles. Olhe, é maior o aproveitamento da minha parte em cada texto distribuído porque todos são fáceis de entender”*. Também diz no questionário de avaliação da 5ª etapa: *“olha, eu notei grande mudança porque hoje sou outra pessoa. Eu ensino tudo que eu aprendo no Curso, faço reuniões com eles. Olhe, eu acho positivo porque eu desenvolvi o meu conhecimento como trabalhar com os assentados e até mesmo a minha maneira de expressar”*.

A transformação da visão de Catarina sobre o Cerrado pode ser percebida já nas primeiras etapas, *“a minha relação ao Cerrado era negativa porque às vezes, olhando aquelas terras, eu pensava que não tinha nenhum proveito. Mas, graças à Deus e a vocês da Embrapa Cerrados, nos deu uma grande oportunidade para conhecer melhor o Cerrado, então agora estou consciente que o Cerrado tem grande proveito”*. Ao mudar o olhar, a aluna começa a fazer a análise da situação buscando os caminhos para a mudança: *“Já senti várias mudanças agora percebo os problemas com mais clareza, olhe, cada encontro eu sinto que estou evoluindo*

cada vez mais....olhe, que eu entendi é que nós devemos levar para eles (assentados) um desenvolvimento melhor para o assentamento. Desenvolver trabalho no assentamento sem prejudicar o meio ambiente”.

Outra observação importante da aluna foi : *“o fato deles (assentados) morarem e trabalharem na área do Cerrado não me dá o direito de dizer que eles estão diretamente ligados com o Cerrado. Às vezes, temos grande proveito, mas também temos nossas desvantagens com o Cerrado. Mas, com certeza, vamos aprender a trabalhar melhor com o Cerrado”.* Essa descoberta que a aluna fez do Cerrado acompanhou todo o seu processo no curso. Inicialmente ela tenta trabalhar nas oficinas com a Associação, mas descobre que *“está muito desorganizado”.* Então ela começa a desenvolver um trabalho na escola com os alunos de sensibilização com a questão do Cerrado e, a partir deste trabalho, encontra seu caminho para envolver a comunidade. *“Quando comecei a trabalhar com os assentados senti uma grande necessidade de trabalhar com a educação ambiental dentro do assentamento.”*

Nas falas a seguir pode-se perceber a sua percepção em relação a questão ambiental no assentamento: *“um dos maiores problemas do assentamento são as queimadas sem controle. Dessa forma estão devastando uma das maiores riquezas da natureza que dão os frutos que podem ser o sustento do grupo. Outro grande problema é o desmatamento”.* *“...estão preocupados com a pastagem, desta forma, tudo fica prejudicado, homem e natureza.”* *“...as veredas que fornecem água na seca estão sofrendo uma grande transformação com o desmatamento para plantio de milho, às vezes, também para fazer pastagem”.*

Diante desta situação Catarina propôs um trabalho para conservar e preservar os recursos naturais, buscando com a comunidade o conhecimento sobre o meio ambiente buscando descobrir o que pensam e como agem (os assentados) buscando com a comunidade a união para realizar um trabalho coletivo de recuperação de áreas degradadas. A continuidade da monografia mostra que ela conseguiu um grau de envolvimento da comunidade: *“para que tudo isso continue, nós do assentamento Córrego reunimos e chegamos a seguinte conclusão, que devemos lutar para proteger o meio ambiente e não destruir o pouco que existe. Os alunos de 1ª a 4ª série, junto com os professores estão concluindo um trabalho na escola, através de desenho, redação, história sobre a preservação do meio ambiente. Toda a comunidade está envolvida com este trabalho e estão comovidos, até ajudando na sua construção. Os alunos e pais estão plantando sementes para produzir sua própria muda daqui a dois anos. Queremos ter um viveiro para replantar as áreas que foram destruídas”.* Atualmente os viveiros já estão sendo construídos com parceria da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER/GO e da Prefeitura e se tornando referência para o

Município. Vários parceiros deixaram de fazer queimadas e os alunos da escola foram convidados a dar palestras na cidade. Na conclusão da sua monografia a aluna diz: *“juntos estamos estudando uma maneira para trabalhar sem prejudicar o meio ambiente, já estamos com um projeto para replantar as áreas que foram devastadas. Esse ano as pessoas conseguiram plantar sem fazer queimadas, até mesmo a pastagem não foi queimada”*. Diz ainda, *“é lógico que às vezes dá muito trabalho, mas temos que lutar para que tudo dê certo....as dificuldades às vezes são caminhos que passam na nossa vida para reconhecer que todos devemos lutar sem pensar que no amanhã tudo poderá estar resolvido porque nada se resolve num piscar de olhos, temos que ter paciência e lutar muito para melhoria do nosso assentamento e do nosso país”*.

Durante a participação da aluna no Seminário Internacional de Reforma Agrária, ela relata que o trabalho foi importante na sua auto-valorização, ela descobre o seu valor. Hoje a aluna ingressou no curso de Pedagogia e já indicou outros jovens do assentamento para participarem do Curso Técnico em Agropecuária e Desenvolvimento Sustentável.

O aluno Paulo é engenheiro agrônomo e trabalhava no início do curso como extensionista do LUMIAR, prestando assistência técnica a assentamentos da Reforma Agrária. Após a extinção do LUMIAR, Paulo foi um dos técnicos que, embora desempregado, permaneceu no curso até o final, vindo a se envolver posteriormente, no trabalho de elaboração dos Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Assentamentos da Reforma Agrária - PDSAs.

Sua árvore genealógica mostra que os bisavós e avós eram fazendeiros e trabalhadores rurais. O pai morou no campo até os 17 anos quando foi para a cidade estudar e tornou-se funcionário de banco. O aluno nasceu e viveu sempre em área urbana, mas seu vínculo com o mundo rural esteve presente através dos valores dos avós. Depois que cursou a Faculdade de Agronomia começou a voltar para a área rural, tendo ido residir por último em um Município de Goiás onde foi Secretário de Agricultura por duas vezes e Chefe do escritório local da EMATER. Posteriormente entrou no Projeto LUMIAR.

Paulo mostrou, desde o início do Curso, uma preocupação com o caráter educativo do seu trabalho. Em sua carta de exposição de motivos para participar do mesmo, ele afirma: *“Tenho grande interesse em participar deste Curso, pois como já sabemos falta-nos subsídios pedagógicos para que possamos desenvolver um trabalho mais humano, visto que só com a assistência técnica voltada para a produção, não estamos conseguindo desenvolver uma consciência crítica nos parceiros e seus familiares”*.

Em uma das avaliações feitas durante o Curso o aluno afirma: *“este Curso desenvolveu e vem*

desenvolvendo uma necessidade de se transformar interiormente muito grande. Digo com o coração e a razão que hoje sou uma pessoa “melhor” que há um ano atrás”. Ainda em relação ao Curso ele afirma : "mudar o olhar sobre o assentamento quer dizer ter uma visão geral, abrangente, olharemos não só a parte produtiva mas também a social e ambiental. Teremos uma visão construída juntamente com a visão dos parceiros. Para juntos analisarmos as potencialidades e limitações do assentamento e construirmos uma visão que nos daria um rumo a ser seguido”.

Embora as oficinas que ele vinha desenvolvendo nos assentamentos em que prestava assistência técnica tenham sido interrompidas, ele continuou com as preocupações que tinha desde o início do curso e passou a desenvolver o seu trabalho em dois assentamento no município em que ele reside. No início da monografia, ele afirma: *“desejamos através deste trabalho compreender as razões históricas do problema (falta de ambição, falta de esperança, analfabetismo, baixa auto-estima e excesso de paternalismo), causando a eterna dependência dos agricultores. Criando assim condições para que junto com nossos agricultores familiares consigamos reverter este quadro e atingirmos o tão sonhado desenvolvimento sustentável”.*

Com relação aos assentados do local em que foi realizado o trabalho, ele afirma: *“no corpo deste trabalho, trataremos os assentados do projeto Caiapó e Guaporá por agricultores familiares, pois apesar dos assentamentos terem sido criados em 1994, os assentados continuam na mesma situação de abandono que os agricultores familiares da região”.* Durante o percurso do trabalho, Paulo reflete sobre a relação da formação do técnico e a necessidade de novas referências para produzir transformações no valores humanos. *“...devido a nossa formação técnica, fomos preparados para encarar a agricultura e, principalmente os agricultores, de forma muito racional (pesos, medidas, variedades, etc.), por isso, geralmente, muito fria. E para podermos refletir e causar reflexões que iniciem o processo de desenvolvimento humano e buscar a tão sonhada mudança de vida devemos trabalhar mais com a emoção do que com a razão”.* Para fazer essa transição o aluno vai buscar em Leonardo Boff, Edgard Morin e Paulo Freire, entre outros as referências para construir sua perspectiva de educador do campo.

“Tanto Morin (1999), como Boff (2000), nos remetem a uma reflexão e a uma análise de que o ser humano é passível de transformações, tem dentro de si uma necessidade/facilidade de transcender, se superar, superando obstáculos, transpondo dificuldades. E os sujeitos da nossa pesquisa não fogem à regra”.

Também nesse percurso o aluno vai desenvolvendo a capacidade de perceber com mais clareza a humanidade dos assentados valorizando a expressão dos seus sentimentos. *“Quando fizemos junto com eles*

(assentados) o cálculo das rendas (atual e desejável), notamos que, no cálculo da renda atual as indagações eram respondidas com um certo constrangimento em revelar (a já conhecida) situação de extrema pobreza vivida por eles. Mas no cálculo da renda desejável, quando tratávamos a possibilidade de vida mais digna, mais farta, a situação era inversa; notávamos um brilho nos seus olhos". Após analisar os problemas que afetam os assentamentos, Paulo propõe uma série de intervenções na realidade que melhorariam a situação dos assentados. Entre elas podemos citar: trabalhar com a segurança alimentar - "*pois antes de desenvolver precisamos sobreviver (bem alimentados)*"- fazer alterações no processo produtivo dos agricultores no sentido de melhorar a alimentação e reduzir a dependência de cestas básicas, ajuda de políticos e melhorar a sua auto-estima. Juntamente com a questão da alimentação da família, estimular também a organização do assentamento, a articulação com o poder público, a capacitação que promova o aumento da auto-estima através de oficinas, a implantação de programas de alfabetização de adultos, projetos de investimento e custeio condizentes com a vontade e aptidão dos agricultores e seus lotes, assistência técnica permanente "*comprometida com os agricultores familiares*", fortalecer as relações de produção e comercialização coletivas no assentamento e deste com outros assentamentos.

A conclusão da sua monografia é que este tipo de trabalho é dinâmico e continuado: "*quando tratamos com as emoções não existe começo, meio nem fim*". A segunda conclusão refere-se a capacidade de transcendência dos agricultores, mudando o foco inicial da pesquisa que estava baseada na dependência dos mesmos: "*outra conclusão mais prática é que notamos uma enorme capacidade de transcendência, inconformação nos agricultores pesquisados; só o fato de viverem em condições adversas como vivem faz com que sofram um processo de transcendência quase todos os dias, se superando para conseguir colocar comida na mesa, criar os filhos, mandando-os para a escola à noite sabendo dos riscos e vícios da cidade para tentar assegurar-lhes um futuro melhor*".

Considerações finais

Uma análise mais geral desses resultados demonstra que a conservação da biodiversidade, a necessidade de organização e mobilização para reconstrução dos valores, a análise histórica como instrumento de referência e a educação como instrumento de mudança foram dimensões incorporadas pela maioria dos alunos que desenvolveram monografias como eixo para refletir sobre caminhos para o desenvolvimento local sustentável.

Embora os exemplos analisados sejam poucos, eles são ilustrativos dos caminhos percorridos pelos

demais alunos que concluíram o Curso. Outros exemplos bem sucedidos poderiam ter sido analisados indicando trajetórias semelhantes. 75% dos assentados que concluíram o Curso estão dando continuidade aos trabalhos, correspondendo a 87% dos que fizeram monografia. Dentre estes podemos destacar um assentamento que em parceria com a UnB, Embrapa Cerrados e INCRA ganhou o Prêmio PETROBRÁS, com o Projeto de Hortas Orgânicas e Viveiro Florestal, sendo um aluno do Curso hoje o presidente e outra secretária da Associação.

Um dado marcante é que todos esses assentados tem na sua história de vida um forte vínculo com o mundo rural que não se rompe com a vinda para estudar na cidade na adolescência.

Outro ponto constatado é que os alunos, ao longo do Curso foram adquirindo a habilidade de ler textos acadêmicos, refletir e debater sobre temas de interesse, articular o conhecimento técnico científico com a realidade cotidiana, desenvolver a habilidade de pesquisar sua prática e o aumento da familiaridade com o linguajar e as informações técnicas, além do treinamento para manejar o computador. Como consequência, o Curso gerou uma nova demanda, a de um processo de capacitação técnico profissionalizante em agropecuária, voltado para a Agricultura Familiar. Foi através do trabalho de um dos alunos, que cursava uma escola técnico agropecuária, que o grupo acabou encontrando o espaço e a parceria para realizar este projeto que está em andamento.

Por parte dos técnicos o que mais marcou foi a mudança de postura com relação ao trabalho da extensão rural. Pode ser ressaltada uma mudança de olhar com relação ao valor do assentados, um aumento da escuta sensível (Barbier, 1998) e da postura de parceiro, na crença de que é possível construir junto com os assentados. A internalização do método da pesquisa-ação também foi marcante. Entretanto, com a grande evasão em função da extinção do projeto LUMIAR e mudanças de função e local de trabalho de outros alunos a ação concreta nos assentamentos ficou prejudicada.

Algumas parcerias entre técnicos e alunos assentados do Curso, propiciaram a construção de trabalhos mais consistentes, mas isto não foi determinante, pois a maioria dos assentados trabalhou sozinha.

Segundo Stroh (in Morin ,2000), "a expressão sustentabilidade do desenvolvimento não significa um ajustamento suplementar à racionalidade do desenvolvimento moderno. O âmago do conceito – o princípio ético da solidariedade – guarda o imenso desafio contemporâneo de assegurar a sustentabilidade da humanidade no planeta, no interior de uma crise de civilização de múltiplas dimensões interdependentes e interpenetrantes: ecológica, social, política, humana, étnica, ética, moral, religiosa, afetiva, mitológica... A

sustentabilidade do desenvolvimento é um problema complexo, porque a sua essência está imbricada em um tecido de problemas inseparáveis, exigindo, uma reforma epistemológica da própria noção de desenvolvimento”. Neste sentido acreditamos que o EDUCAMP foi um passo nessa direção, reforçando o papel da educação como instrumento fundamental na construção da sustentabilidade do desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

Barbier R. – *A escuta sensível na abordagem transversal*, in Barbosa, J. G. (org.) Multirreferencialidade nas ciências e na educação. Ed. da UFSCar, São Carlos, 1998.

Morin, E. – *Saberes locais e saberes globais*, Ed. Garamond, RJ, 2000.